



Calidoscópico

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinis.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

Teixeira, Marlene; do Nascimento Flores, Valdir; Laplantine, Chloé  
Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso  
Calidoscópico, vol. 11, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp. 222-225  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561784005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Entrevista

Marlene Teixeira

martei.poa@gmail.com

Valdir do Nascimento Flores

valdirnf@yahoo.com.br

Chloé Laplantine

chloe.laplantine@orange.fr

# Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso<sup>1</sup>

## Émile Benveniste: toward a poetics of discourse

### Entrevistada

Chloé Laplantine é doutora em língua e literatura francesa pela Universidade de Paris VIII. Por seu trabalho como pesquisadora em linguística da enunciação e história das teorias linguísticas, vem desempenhando um papel importante no movimento de re-interpretação dos textos de Émile Benveniste. Sua tese *Émile Benveniste: poétique de la théorie. Publication et transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire* (2008), sob a orientação de Gérard Dessons, teve grande repercussão entre estudiosos da enunciação, por permitir o acesso a um conjunto complexo e heterogêneo de notas escritas por Benveniste sobre a “língua de Baudelaire”. Essas notas, apresentadas e transcritas por Laplantine, foram publicadas, em 2011, pela Editora Lambert-Lucas, no livro *Baudelaire*. O estudo sobre esse trabalho inacabado de Benveniste encontra-se na obra *Émile Benveniste, l'inconscient et le poème*, que Laplantine publicou também pela Editora Lambert-Lucas. Em parceria com Jean-Michel Adam, Laplantine organizou ainda o número 33 da Revista *SEMEN*, que traz uma coletânea de artigos de renomados estudiosos, unidos pela certeza comum da importância e da amplitude da teoria da linguagem de Benveniste. Laplantine é membro do grupo *Polart* (*Poétique et Politique de l'Art*), que reúne pesquisadores voltados para a construção de uma poética da arte,

inspirada na ideia benvenistiana de que a língua, em sua atividade discursiva, isto é, histórica, é interpretante de toda atividade humana.

### Entrevistadores

Marlene Teixeira é doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora do curso de graduação em Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e no Curso de Mestrado Profissional em Enfermagem da mesma Universidade.

Valdir do Nascimento Flores é mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pós-doutor pela Université de Paris XII Val-de-Marne e pela Université de Paris X Nanterre. Atualmente, é professor-associado de Linguística e Língua Portuguesa do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma Universidade.

A entrevista, cujas perguntas foram formuladas em conjunto pelos entrevistadores, foi realizada por escrito, via e-mail; as respostas foram recebidas no dia 31/05/2013 e, logo a seguir, a entrevista foi traduzida.

<sup>1</sup> Tradução: Daniel Costa da Silva. Graduado em Letras/Tradução pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é graduando em História e Mestrando em Letras pela UFRGS. E-mail: utopiste@bol.com.br

**Marlene Teixeira (MT) e Valdir Flores (VF):** No “Prefácio” do *Problemas de Linguística Geral I*, escrito pelo próprio Benveniste, encontramos a seguinte consideração: “Os estudos reunidos nesta obra foram escolhidos entre muitos outros, mais técnicos, que o autor publicou nestes últimos anos. Se os apresentamos sob a denominação de ‘problemas’ isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem...”. Como a senhora pensa que a reflexão presente no livro *Baudelaire* pode estar articulada ao conjunto das reflexões de Benveniste, principalmente àquelas ligadas “ao grande problema da linguagem”?

**Chloé Laplantine (CL):** Eu acho que, para responder a esta pergunta, é preciso primeiramente tentar definir a relação de Benveniste com a literatura, que não aparece somente em suas notas manuscritas sobre Baudelaire. Essa relação é, em primeiro lugar, de uma época, em que os intelectuais eram talvez mais propensos a ficar próximos dos meios de experimentação artística. Benveniste, ao que parece, esteve próximo do movimento surrealista, talvez porque o movimento propunha uma crítica dos valores racionalistas, e porque procurava, na experimentação, transformar a experiência subjetiva.

Conhecemos alguns indícios da ligação de Benveniste com os surrealistas: junto a eles, Benveniste assina, em 1925, dentro do grupo “*Philosophies*”, o manifesto “*La Révolution d’abord et toujours!*”, contra a guerra no Marrocos (“Nós somos certamente Bárbaros já que certa forma de civilização nos repugna”). Em 1924, ele escreve, no primeiro número da revista *Philosophies*, organizada principalmente por Pierre Morhange, uma resenha sobre a tradução francesa dos *Cahiers de Malte Laurids Brigge* de Rilke; em 1945, ele participa, com um texto intitulado “*L’eau virile*”, de um número de *Pierre à feu* em torno do pintor André Marchand, organizado pelo poeta Jacques Kober, publicado pela Fundação Maeght, e no qual participa outro linguista, Pierre Chantraine.

É a literatura enquanto experiência (inter)subjetivante e atividade crítica da linguagem que interessa Benveniste. É isso que reaparece nas notas sobre Baudelaire. O poema é, justamente, o poema de Baudelaire, renova a experiência e, ao mesmo tempo, a língua: “se <o poeta> recria, portanto, uma semiologia nova, através de combinações novas e livres de palavras. Por sua vez, o leitor-ouvinte se encontra na presença de uma linguagem que escapa à convenção essencial do discurso. Ele deve se ajustar a isso, recriar, por sua conta, os padrões e o ‘sentido’ disso”. (Baudelaire, 22, f°53 / f° 305).

Ao longo dessas notas, Benveniste trabalha para definir o modo de significação dos poemas de Baudelaire e seu modo de comunicação, o que ele chama de “a língua de Baudelaire”, língua que não repousa na unidade do *signo*, e que não comunica uma *mensagem*. A língua de Baudelaire é *icônica* e emocional. A pesquisa envolvendo

Baudelaire retoma, como vimos, o projeto crítico de sua teoria da linguagem, o que pode ser lido, de forma mais explícita, em “Da subjetividade na linguagem” (1958), por exemplo, onde ele critica a ideia de uma linguagem concebida como ferramenta de comunicação, separada do homem, e coloca que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*”, fazendo da atividade de linguagem o próprio exercício da invenção de si.

Essas notas sobre Baudelaire Ficam também próximas de muitos trabalhos históricos de Benveniste sobre as línguas e culturas (principalmente Indo-Europeias), em seu projeto de uma “culturologia”. De fato, temos a sensação, mesmo que isso não esteja explícito, que Benveniste procura abordar, com uma distância analítica, histórica e etnologicamente, “a língua de Baudelaire”, isto é, trazer a luz seu inconsciente, a experiência humana que ela produz, e aquilo que ela critica.

**MT e VF:** A divulgação do livro *Baudelaire* e mais recentemente de *Dernières leçons* tem provocado quase que uma “revolução” nos estudos benvenistianos. E isso, ao menos, por um motivo: o conhecimento desses trabalhos permite ao pesquisador ver que os interesses de Benveniste vão além – do ponto de vista teórico e também analítico – do que se conhecia. Surpreendemos um Benveniste falando em linguagem ordinária/linguagem poética, utilizando termos como “icônico”, “linguagem icônica”, “língua de Baudelaire”, entre outros. Como a senhora situa esses trabalhos com relação à tradição saussuriana, tão presente em outros trabalhos de Benveniste? Em sua opinião, essa descoberta de Baudelaire por Benveniste implica uma crítica da linguística do *signo*, e uma conversão do ponto de vista?

**CL:** Efetivamente, a publicação desses manuscritos permite reler Benveniste e tornar visível a extensão de seu trabalho, que, por vezes, foi reduzido a um uso técnico, prático – teletransportável a qualquer texto (a oposição discurso/história, a noção de enunciação, os dêiticos, etc.) – ou, então, apenas dogmático, esquecendo a verdadeira questão de seu trabalho, que é o estudo das línguas e das culturas.

Essas publicações vêm também para mostrar que a linguística não é necessariamente um assunto para especialistas, no caso, que a linguística de Benveniste aponta para todas as direções, pois é uma linguística crítica: Benveniste mostra, a cada momento, que qualquer concepção – ou ausência de concepção – da linguagem tem seus problemas; e ele dá a seu leitor os meios para essa vigilância crítica. Nisso, ele continua o trabalho de Saussure, que expressava a necessidade de “mostrar ao linguista o que ele faz”, e fazia da noção de “ponto de vista” um problema central para a linguística e para além dela.

Nas notas sobre Baudelaire, Benveniste trabalha para opor pontos de vista sobre a linguagem, o ponto de vista da linguagem comum (comunicacional, denotativo,

que repousa sobre a unidade do signo) e da linguagem poética (emocional e evocativa). Ele mostra o que Baudelaire fez, e talvez faça ainda, na linguagem, e a maneira como sua linguagem nos toca, nos transforma.

Há um elo, provavelmente, também a ser feito entre a pesquisa de Saussure sobre os anagramas, e a pesquisa de Benveniste sobre Baudelaire, não somente porque elas têm em comum o fato de permanecerem em segredo, mas também porque elas dão para a literatura um lugar particular: tanto em um quanto em outro, o poema questiona e torna incertas as evidências da linguagem, traz um risco teórico para seus autores.

**MT e VF:** Em sua opinião, até que ponto é possível considerar que textos não publicados por um autor – mas que são divulgados em edições póstumas – têm real valor para o entendimento de um pensamento revelado em publicações feitas em vida. Em outras palavras: é possível dizer que Benveniste é “autor” de *Baudelaire*?

**CL:** Esta é uma questão importante, pois o estudo dos manuscritos, e não apenas de autores de romances ou de poemas, está se tornando (na França, pelo menos) um campo de pesquisa reconhecido. Há alguns anos, Irène Fenoglio no Instituto dos Textos e Manuscritos Modernos (*ITEM – Institut des Textes et Manuscrits Modernes*), se encarregou de abrir este novo campo, que é o estudo dos manuscritos de linguistas, criando uma equipe (“Genética e teorias linguísticas”). Um número da revista *Genesis* foi dedicado a essa questão: *Le geste linguistique (O gesto linguístico, Genesis, nº 35, 2012)*.

Os únicos manuscritos que se estudavam até então eram os manuscritos de Saussure, extremamente numerosos e ainda hoje inéditos no essencial. Começou-se com as *Fontes Manuscritas* de Godel, com a publicação por Engler dos cadernos dos ouvintes dos cursos, em seguida, com *As palavras sob as palavras*, em que Starobinski apresentava alguns trechos da pesquisa sobre os anagramas, etc. Em 2002, os *Escritos de Linguística Geral* apareciam na Editora Gallimard, com todo o problema de edição que se sabe, mas o volume foi muito importante. Os manuscritos permitiram, no caso de Saussure, além do *Curso de Linguística Geral*, dar a conhecer o “verdadeiro Saussure” e desenvolver a atividade crítica de seu pensamento ainda hoje.

No caso de Benveniste, vemos que é diferente. Benveniste publicou muito; sua linguística geral já estava lá. Os manuscritos são numerosos e, atualmente, muito consultados. Devemos questionar a razão desse novo interesse, pois, na verdade, os manuscritos de Benveniste podiam ser consultados desde o final da década de 1970, mas só tiveram bem poucos leitores. Não se tinha o interesse de ir interrogar esse tipo de material.

Penso que o interesse de uma pesquisa sobre os manuscritos de linguistas, e dos manuscritos em geral, se mede pelos resultados que podem ser obtidos. Eu acho que, caso

se trate de somente observar os hábitos de escrita, ganhamos pouco, exceto, talvez, apenas propor a concepção dos textos de linguistas como textos, de considerá-los do ponto de vista de sua escrita. Há sempre detalhes interessantes a observar: as rasuras, as reformulações, etc. Ao mesmo tempo, pode-se perguntar se essa gênese é importante, na medida em que o autor fez uma escolha.

Proporcionar a leitura de textos inéditos já é diferente. No caso das notas de Baudelaire, acho que ele não pode terminá-las. Não se sabe por que. No entanto, essas notas estão aí, e algumas páginas estão muito avançadas do ponto de vista de sua redação. Esses manuscritos trazem realmente algo de novo, pois, se nós já sabíamos que Benveniste se permitia refletir sobre a literatura e sobre a arte, encontramos aqui uma reflexão que procede disso. E podemos até dizer que, com Baudelaire, Benveniste atinge o ponto máximo de sua teoria: o poema requer uma linguística nova: “a análise da língua poética requer, em toda a extensão do domínio linguístico, categorias distintas” (Benveniste, 2011, 22, fº 67 / fº 319).

Para a edição das *Dernières leçons*, estamos também em outro plano: trata-se da reconstrução de um propósito a partir de manuscritos e de anotações de ouvintes. Nós não lidamos propriamente com um original. Essa edição impôs uma montagem e transformações nos próprios textos.

**MT e VF:** Uma parte de sua tese se interessa pelo conceito de inconsciente em Benveniste. Em seu modo de ver, de que modo essa reflexão, a propósito do inconsciente, se relaciona com o projeto de uma poética?

**CL:** É um caminho pessoal de pensamento que fez essa coerência na escrita de minha tese: quando comecei a ler as notas sobre Baudelaire em 2004, elas eram, de certo modo, *ilegíveis* para mim, pois me faltava o ponto de visto para *lê-las*.

Depois de ter transcrito integralmente esses manuscritos, com a maior precisão possível, em “transcrição diplomática”, eu os deixei repousar cerca de dois anos.

Em 2005, fui para o Alasca ler os cadernos de pesquisa de Benveniste sobre algumas línguas da América do Norte (Tlingit, Haida, Esquimó). Eu perseguia uma “outra” linha de pensamento, intuitiva, a propósito do inconsciente linguístico. Eu seguia em Bréal, Boas, Saussure, Sapir, Benveniste, a escrita de um inconsciente cultural constituído e atualizado na língua, a tomada de consciência crítica de seu próprio inconsciente. Percebe-se que o inconsciente é um questionamento de época que não pode ser reduzido a uma pesquisa em psicologia, ao nascimento da psicanálise: é um termo da reflexão filosófica, linguística, artística (que vemos evoluir desde Baudelaire, passando pelos impressionistas, os simbolistas, até pelos surrealistas, apenas para comentar rapidamente). Em Benveniste, lemos artigos como “Categorias de pensamento e categorias de língua” em 1958, e “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, em 1956,

artigo crítico em relação à psicanálise freudiana, e que termina com a questão da arte.

Como eu dizia no início desta entrevista, Benveniste se aproximou dos surrealistas, ele viveu no momento em que se desenvolvia a psicanálise freudiana. Em etnologia, alguém como Lévi-Strauss trabalhava, de modo totalmente diferente de Benveniste, para buscar o inconsciente estrutural do parentesco, por exemplo, ou o dos mitos.

Todo esse trajeto de reflexão constituiu a primeira parte de minha tese, e tornou possível a leitura das notas sobre Baudelaire. Eu acredito, de fato, que a leitura dessas notas, a compreensão da expressão “a língua de Baudelaire”, implicava, para mim, compreender a *culturologia* que Benveniste busca escrever, seu trabalho concreto sobre as línguas e a cultura. Provavelmente este não seja o único ponto de vista possível, a única entrada na leitura das notas sobre Baudelaire.

Em seguida, o que deve ser articulada é a dimensão etnográfica da pesquisa sobre Baudelaire, e a dimensão poética. E essa articulação se dá pelo viés da ideia de um poema crítico. O poema de Baudelaire é crítico da linguagem, crítico das convenções, da sociedade, etc. Ele renova, conjuntamente, a experiência e a língua.

**MT e VF:** A senhora diria que a linguística de Benveniste torna possível uma reflexão sobre a literatura? Quais seriam as particularidades dessa reflexão? No contexto francês, Benveniste teria hoje um lugar no ensino literário, secundário e universitário?

**CL:** Eu acho que Benveniste sempre atraiu o interesse de quem trabalha com literatura. Basta lembrar dos artigos elogiosos de Barthes na revista *La Quinzaine littéraire*, “Situação do linguista” (1966) e “Por que gosto de Benveniste” (1974), por ocasião do lançamento dos dois volumes de *Problemas*. Benveniste desperta interesse para além da disciplina linguística, o que é simplesmente o

efeito da tomada crítica de sua teoria da linguagem. Nele, a teoria da linguagem é uma antropologia (“a linguagem ensina a própria definição do homem”).

Eu acho que Benveniste marcou os estudos literários na França; é evidente que os programas e redatores de manuais escolares são atraídos por ele, ao mesmo tempo em que se afastam dele. Como eu dizia anteriormente, essa simpatia por Benveniste da parte dos estudiosos da literatura, muitas vezes, resultou na redução de sua linguística a alguns conceitos “prontos a serem empregados” (o que se fez também com Saussure), colocando os conceitos da interpretação antes do poema (caso do método estrutural), enquanto que, em Benveniste, o poema reinventa sua leitura, seu leitor, criando “uma semiologia nova”. O que já se lia em “Semiologia da língua”, artigo escrito na sequência do trabalho sobre Baudelaire: “A arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular (...). A significância da arte não remete então jamais a uma convenção identicamente recebida entre parceiros. É necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em suma, que não podem ser fixados em uma instituição.” (PLG, 2, p. 59).

## Referências

- BENVENISTE, E. 1966. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris, Gallimard, 356 p.  
 BENVENISTE, E. 1974. *Sémiologie de la langue*. In: E. BENVENISTE, *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris, Gallimard, p. 43-66.  
 BENVENISTE, E. 2011. *Baudelaire*. Limoges, Lambert-Lucas, 767 p.  
 FENOGLIO, I. 2012. Le geste linguistique. *Genesis*, 35. Revue Internationale de Critique Génétique. ITEM. 258 p.  
 SAUSSURE, F. 2002. *Écrits de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 353 p.

Submetida: 01/07/2013

Aceita: 04/07/2013

### Marlene Teixeira

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
 Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada  
 Avenida Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000,  
 São Leopoldo, RS, Brasil.

### Valdir do Nascimento Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
 Programa de Pós-Graduação em Letras  
 Av. Bento Gonçalves, 9500, São José, 91501-970,  
 Porto Alegre, RS, Brasil

### Chloé Laplantine

Centre Nationale de Recherche Scientifique (CNRS) - UMR  
 7597 Laboratoire Histoire des Théories Linguistiques  
 POLART – Poétique et politique de l'art, France